

**VI CONGRESSO INTERNACIONAL
CONSTITUCIONALISMO E
DEMOCRACIA: O NOVO
CONSTITUCIONALISMO LATINO-
AMERICANO**

SUBJETIVIDADES E IDENTIDADES

Organizadores:
José Ribas Vieira
Cecília Caballero Lois
Roberta Laena Costa Jucá

**Subjetividades e
identidades: VI congresso
internacional
constitucionalismo e
democracia: o novo
constitucionalismo latino-
americano**

1ª edição

Santa Catarina

2017



VI CONGRESSO INTERNACIONAL CONSTITUCIONALISMO E DEMOCRACIA: O NOVO CONSTITUCIONALISMO LATINO- AMERICANO

SUBJETIVIDADES E IDENTIDADES

Apresentação

O VI Congresso Internacional Constitucionalismo e Democracia: O Novo Constitucionalismo Latino-americano, com o tema “Constitucionalismo Democrático e Direitos: Desafios, Enfrentamentos e Perspectivas”, realizado entre os dias 23 e 25 de novembro de 2016, na Faculdade Nacional de Direito (FND/UFRJ), na cidade do Rio de Janeiro, promove, em parceria com o CONPEDI – Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, a publicação dos Anais do Evento, dedicando um livro a cada Grupo de Trabalho.

Neste livro, encontram-se capítulos que expõem resultados das investigações de pesquisadores de todo o Brasil e da América Latina, com artigos selecionados por meio de avaliação cega por pares, objetivando a melhor qualidade e a imparcialidade na seleção e divulgação do conhecimento da área.

Esta publicação oferece ao leitor valorosas contribuições teóricas e empíricas sobre os mais diversos aspectos da realidade latino-americana, com a diferencial reflexão crítica de professores, mestres, doutores e acadêmicos de todo o continente, sobre SUBJETIVIDADES E IDENTIDADES.

Assim, a presente obra divulga a produção científica, promove o diálogo latino-americano e socializa o conhecimento, com criteriosa qualidade, oferecendo à sociedade nacional e internacional, o papel crítico do pensamento jurídico, presente nos centros de excelência na pesquisa jurídica, aqui representados.

Por fim, a Rede para o Constitucionalismo Democrático Latino-Americano e o Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGD/UFRJ) expressam seu sincero agradecimento ao CONPEDI pela honrosa parceria na realização e divulgação do evento, culminando na esmerada publicação da presente obra, que, agora, apresentamos aos leitores.

Palavras-chave: Subjetividades. Identidades. América Latina. Novo Constitucionalismo Latino-americano.

Rio de Janeiro, 07 de setembro de 2017.

Organizadores:

Prof. Dr. José Ribas Vieira – UFRJ

Profa. Dra. Cecília Caballero Lois – UFRJ

Me. Roberta Laena Costa Jucá – UFRJ

MIGRAÇÕES E CRISE DE REFUGIADOS DA SÍRIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO IMIGRANTE

MIGRATION AND REFUGEE CRISIS OF SYRIA: A CASE STUDY ON THE ROLE OF MEDIA IN BUILDING THE IDENTITY OF INMIGRANT

Pedro D'Angelo da Costa ¹

Resumo

A crise de refugiados da Síria, ocasionada por uma guerra civil no país, gerou impactos de extrema relevância nos fluxos migratórios mundiais, elevando o número de imigrantes que solicitam asilo político na Europa. Esse fato acarreta uma retomada da problemática das migrações nos meios de comunicação, fazendo com que o assunto receba maior destaque em publicações de jornais e revistas. Este artigo pretende analisar uma charge veiculada pela revista francesa Charlie Hebdo, em que a foto do menino sírio Aylan Kurdi, morto em uma praia na Turquia, é vinculada a uma onda de crimes sexuais ocorridos na Alemanha e atribuídos a imigrantes. Esta charge busca transmitir uma opinião acerca do imigrante através da construção de sua imagem, atribuindo-lhe uma identidade genérica e desconectada de suas raízes históricas e culturais. Minha abordagem pretende averiguar de que forma a mídia e as representações gráficas influenciam os processos de criação da identidade dos imigrantes, e de que forma essa interferência auxilia ou prejudica a organização e luta por uma vida digna e pelo direito de migrar.

Palavras-chave: Migrações, Identidade, Mídia

Abstract/Resumen/Résumé

The crisis of the Syrian refugees, caused by a civil war in the country, generated impacts of extreme importance in world migration flows and raised the number of immigrants applying for political asylum in Europe. This fact leads to a recovery of the issue of migration in the media, making it receives greater prominence in newspaper and magazine publications. This article analyzes a cartoon broadcast by the French magazine Charlie Hebdo, in which a picture of the Syrian boy Aylan Kurdi, dead on a beach in Turkey is linked to a case of sexual crimes committed in Germany and attributed to immigrants. This charge seeks to convey an opinion about the immigrant by building his image and giving it a generic identity, disconnected from its historical and cultural roots. My approach intends to determine how the media and the graphical representations influence the processes of creation of the identity of immigrants, and how this interference helps or harms the organization and struggle for a dignified life and the right to migrate.

¹ Mestrando em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na condição de bolsista CAPES

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Migrations, Identity, Media

INTRODUÇÃO

No início do presente ano, o semanário francês Charlie Hebdo publicou uma charge na qual estava retratado o pequeno Aylan Kurdi, menino sírio de apenas três anos que morreu afogado em uma praia na Turquia após sua família tentar completar a travessia do Mar Mediterrâneo para ingressar no país¹. A foto do corpo do menino deitado na areia com a face voltada para o solo ficou mundialmente conhecida e tornou-se símbolo da dor e do sofrimento a que está submetido o povo sírio², que se vê obrigado a abandonar sua terra natal em virtude da guerra civil. Na Charge publicada pela revista francesa, a foto de Aylan é associada a uma sequência de crimes sexuais ocorridos na Alemanha, em que imigrantes foram apontados como suspeitos.

A motivação para a realização desta pesquisa surge da percepção de que a charge mencionada busca atribuir certas características aos imigrantes e criar (ou reforçar) um estereótipo, produzindo assim uma imagem generalizada e pré-concebida daqueles que buscam asilo em países europeus. Em virtude de sua grande repercussão, o tema das migrações é principalmente abordado nos meios de comunicação, concorrendo para a formação de opiniões e convicções acerca das possíveis consequências dos processos migratórios. As diversas narrativas construídas sobre os imigrantes disputam a consciência coletiva e constituem as formulações teórico-políticas que integram os discursos praticados. Em especial a mídia, mas também intelectuais e acadêmicos, instituições públicas e entidades internacionais são agentes fundamentais na concepção da identidade do imigrante e da imagem que lhe é atribuída. Em muitos casos, como o da charge citada, o imigrante é retratado como um intruso, alguém que pode *roubar* postos de trabalho, adotar comportamentos reprováveis e ameaçar a cultura nativa. Esse discurso afeta diretamente a opinião da população e contribui para a construção de uma ideia que generaliza a representação do imigrante, reforça as diferenças culturais e gera um sentimento de distanciamento que dificulta o procedimento migratório e de asilo político.

¹ Notícia veiculada em 02/09/2015: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/09/02/corpo-de-crianca-refugiada-afogada-aparece-em-praia-de-resort-turco.htm> acesso em 14 Jan 2016.

² Como pode ser observado a seguir, a foto foi reproduzida em diversos canais de comunicação por todo mundo, como os jornais britânicos “Independent”, “The Guardian”, e o norte-americano “Washington Post”; Notícia veiculada em 02/09/2015: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html> acesso em 14 Jan 2015.

No caso em tela, esse discurso faz com que os sírios sejam tratados sob o estigma da diferença, impossibilitando um processo de sociabilização e acolhimento por parte das nações europeias.

Segundo Joaquín Herrera Flores, a problemática das migrações não pode ser observada unicamente através da perspectiva cultural, devendo-se levar em consideração também o aspecto econômico e o impacto da economia globalizada nas desigualdades mundiais, que impulsionam os fluxos migratórios (HERRERA FLORES, 2006a). A depreciação da imagem do imigrante é uma forma de acirrar os conflitos culturais existentes e omitir as verdadeiras raízes destes conflitos: a desigualdade social e a divisão injusta do fazer humano. A abordagem de Herrera Flores funciona como contraponto ao discurso anteriormente mencionado e reproduzido pela charge estudada. Para o autor, é necessário resgatar todo o peso dos processos históricos de colonização e exploração praticados pelo ocidente³ para que possamos compreender os atuais conflitos mundiais (HERRERA FLORES, 2006a), como por exemplo o aumento das migrações do Oriente Médio para a Europa, em virtude da crise de refugiados da Síria.

A partir da análise da charge veiculada pela revista francesa, buscarei explicitar os elementos linguísticos que transmitem uma opinião acerca dos imigrantes, utilizando uma abordagem de teor crítico dos direitos humanos. Para isso, pretendo resgatar as razões do conflito na Síria, compreendendo os fatores geopolíticos que levaram à guerra civil, e assim entender o que impulsiona o povo sírio a se deslocar. A partir dessa compreensão, analisarei o papel da mídia e das representações gráficas na construção da identidade do imigrante, para entender de que forma esse processo se relaciona com a problemática das migrações como um todo.

1 CONTEXTO DA GUERRA CIVIL NA SÍRIA

1.1 Perspectiva histórica do conflito

³ Nas obras citadas ao longo deste artigo, Joaquín Herrera Flores menciona o termo “ocidente” para se referir especificamente aos Estados Unidos da América e à União Europeia, regiões de maior desenvolvimento econômico que, de alguma forma, estabelecem relações desiguais com outras nações.

A Guerra Civil na Síria é hoje um dos conflitos armados de maior repercussão mundial, ocupando quase diariamente noticiários e veículos de comunicação. Um dos aspectos mais marcantes desse conflito é o grande número de nacionais sírios que decidem abandonar o país em virtude da hostilidade, gerando a chamada crise de refugiados. Segundo a Organização das Nações Unidas, apenas em 2015, trezentas mil pessoas tentaram deixar o país, e desde o início do conflito estima-se que mais de quatro milhões de sírios tenham atravessado as fronteiras. Além disso, a Síria é o país com maior número de deslocados internos, em torno de sete milhões⁴.

Essa situação é gerada por uma intensa Guerra Civil que já dura cinco anos, tendo início no contexto da Primavera Árabe, uma onda de protestos em países do Oriente Médio e norte da África por mais democracia e respeito às liberdades políticas. Os protestos tiveram início na Tunísia, ocasionando a derrubada imediata do então presidente Zine el-Abdine Ben Ali. Além da Tunísia, diversos outros países assistiram a intensas manifestações, como Argélia, Iraque, Jordânia, Líbano e Síria. As manifestações populares e a repressão por parte dos governos levaram a diversas situações, como por exemplo a Guerra Civil na Síria, intensificando o fluxo de migrantes que buscam asilo em outras nações.

O conflito na Síria teve início em 15 de março de 2011, com uma forte repressão a protestos que já vinham ocorrendo desde janeiro do mesmo ano. Grandes cidades do país, como Damasco e Aleppo, foram palco de violentos conflitos entre tropas do governo e a oposição. Inseridas no contexto da Primavera Árabe, essas manifestações tinham o caráter de subversão e alteração da conjuntura política, já que o atual governo sírio, liderado por Bashar al-Assad, é acusado de restringir a liberdade dos cidadãos e ferir os direitos humanos. O atual presidente foi conduzido a seu cargo em 2000, após a morte de seu pai e ex-presidente Hafez al-Assad, que governou o país por vinte e nove anos. Seu partido, o Partido Socialista Árabe Ba'ath, ou simplesmente Baath, chegou ao poder

⁴ Estes dados são fornecidos pela Organização das Nações Unidas através do ACNUR (Alto Comissariado da ONU para os Refugiados) e outras entidades, como o Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno, sendo encontrados também em diversos meios de comunicação: Notícia veiculada em 09 Jul 201: <http://abcnews.go.com/International/syrian-refugees-fleeing-strike-civil-war-pass-million/story?id=32327149>; acesso em 27 Jan 2016; Notícia veiculada em 10 Ago 2015; <https://nacoesunidas.org/numero-de-refugiados-sirios-bate-novo-recorde-e-chega-a-4-milhoes-alerta-acnur/>; acesso em 27 Jan 2016.

através de um golpe de Estado em 1966, a partir da intensificação de conflitos internos ao governo. A Síria já vivia um Estado de Emergência desde 1962, o que acarretou a suspensão das prerrogativas políticas dos cidadãos. Desde então, o país observou a uma intensa repressão e deterioração da democracia, com a proibição de criação de novos partidos de oposição e a participação de qualquer candidato de oposição nas eleições. Esse estado de exceção somado à retrações econômicas e ao alto índice de desemprego – na casa dos 25% - fez com que surgissem intensos protestos e manifestações populares.⁵

Hoje existem diversos atores políticos na cena da Guerra Civil síria, fato que complexifica o conflito e dificulta sua compreensão. A oposição é originariamente composta pelo Conselho Nacional da Síria, ao lado do Exército Livre da Síria e da Irmandade Muçulmana. O chamado *Estado Islâmico* surge como organização e insere-se no conflito buscando hegemonia territorial, ora ao lado da oposição, ora atacando aliados da oposição. Além disso, estão presentes também organizações fundamentalistas como o Hezbollah e a Al-Qaeda, que é representada por seu braço Sírio, a Al-Nusra.⁶

O sectarismo religioso é outro fator que impede uma clareza na compreensão do conflito. Diversas orientações islâmicas estão presentes no território: o Presidente é de orientação alauíta, obtendo apoio dos xiitas e de países de maioria xiita, como o Irã e o Líbano, e a oposição é de maioria sunita, recebendo suporte de países como Arábia Saudita, Turquia e Catar. Além disso, centenas de outras organizações se fazem presentes hoje no conflito sírio, porém não é de nosso interesse abarcar todas essas peculiaridades. Pretendo resgatar apenas alguns pontos do conflito para que possamos compreender a crise de refugiados e suas consequências.

No contexto da crise de refugiados da Síria, os países que mais receberam imigrantes foram os vizinhos Turquia e Líbano - 2,5 milhões e 1,1 milhões respectivamente⁷ - mas o sul da Europa também é um destino de grande procura, em

⁵ As informações acerca da guerra civil na síria podem ser encontradas em diversos noticiários, assim como os indicadores sociais e econômicos: Notícia veiculada em 11 Ago 2011: <http://journalistsresource.org/studies/international/development/youth-exclusion-in-syria-economic>; Acesso em 28 Jan 2016.

⁶ Notícia veiculada em 20 Nov 2015: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120_siria_entenda_tg; acesso em 28 Jan 2016

⁷ Notícia veiculada em 11 Fev 2016: <https://anistia.org.br/noticias/crise-dos-refugiados-da-siria-em-numeros/>; acesso em 18 Fev 2016.

decorrência da proximidade proporcionada pelo Mar Mediterrâneo. Apura-se que metade dos imigrantes que cruzaram o Mediterrâneo em 2015 eram provenientes da Síria.⁸

1.2 Leitura crítica dos fatores componentes da Guerra Civil síria

A reconstituição histórica do conflito na Síria é essencial para que possamos compreender os processos migratórios que envolvem os sírios e países europeus. Para Joaquín Herrera Flores, as migrações precisam ser encaradas como uma realidade histórica incontestável (HERRERA FLORES, 2006a), e não como um problema de fronteiras. Ao encararmos as migrações como um fato histórico, admitimos que existem razões conjunturais para o acontecimento desse fenômeno, afastando qualquer explanação superficial de abordagem estritamente cultural. Para o autor:

A emigração é um tema de claras conotações culturais, mas sobre tudo de desequilíbrio na distribuição da riqueza. Se uma única empresa transnacional detém um produto interno bruto superior ao de toda a área dos países subsaarianos; se os povos do Sul tem seu desenvolvimento comprometido pela existência de uma dívida injusta; se sobre os países empobrecidos pela rapina das grandes corporações sobrevoam com maior intensidade os verdadeiros problemas ambientais, populacionais e de saúde, está claro que as migrações têm muito a ver com a desigualdade entre as classes e os desequilíbrios econômicos entre os países (HERRERA FLORES, 2006a, p. 76, tradução nossa).

Como podemos observar, Herrera Flores chama atenção para o desequilíbrio econômico mundial e a discrepância dos indicadores sociais entre os países como fatores decisivos para os fluxos migratórios. A atual distribuição global do fazer humano foi, em grande parte, influenciada pela colonização praticada pelas antigas potências europeias, que fixaram relações econômicas desiguais entre colônia e metrópole. Essas relações desiguais geraram rotas comerciais extremamente vantajosas para a Europa e possibilitaram que novas relações monetárias abusivas fossem consolidadas ao redor do mundo. Em apertada síntese, esses fatores permitiram que os países europeus alcançassem um status de centralidade na economia mundial, não à toa são hoje chamados de países *centrais*: as migrações são impulsionadas pela intensa desigualdade

⁸ Ver também a edição de dezembro de 2015 da Revista Diáspora – Narrativas em Movimento, que traz reportagens e dados estatísticos sobre a crise de refugiados da Síria.

estabelecida entre países *centrais* e os países *periféricos*. Neste mesmo sentido, o autor alemão Jurgen Habermas afirma que:

Obrigações específicas para o Primeiro Mundo, além disso, resultam da história da colonização e do desenraizamento de culturas regionais com o evento da modernização capitalista. Além disso, pode-se mencionar que os europeus no período entre 1800 e 1960 participaram de forma desproporcional (com cerca de 80%) dos movimentos migratórios intercontinentais. E tiraram proveito disso: em comparação com outros migrantes e em relação aos compatriotas não emigrados, melhoraram suas condições de vida (HABERMAS, 2002, p. 260).

Essa passagem nos ajuda a compreender de que forma os acontecimentos históricos interferem na atual ordem mundial, e porque algumas nações alcançaram certa harmonia em seu interior e outras enfrentam conflitos políticos com frequência. Os processos de colonização empreendidos pelas nações europeias inauguraram um sistema de relações internacionais que lhes seria continuamente benéfico, interferindo diretamente nos fluxos migratórios futuros. Esse contexto viria a permitir uma estabilidade das economias centrais, que seriam sempre favorecidas pelas migrações. Países economicamente desestruturados estão mais propensos a um cenário de desequilíbrio social, intensificando as consequências de eventuais situações de instabilidade política. Segundo Herrera Flores, a migração na escala em que observamos hoje é um *fenômeno causado pelas injustiças da globalização neoliberal selvagem que vem aprofundando, se ainda é possível, o abismo entre os países ricos e os países pobres* (HERRERA FLORES, 2006a, p. 75, tradução nossa).

Essa desigualdade nas relações internacionais faz com que as migrações sejam tratadas nas mesmas condições em que se estabelecem as relações comerciais. O número de sírios que necessitam emigrar é muito superior à quantidade de imigrantes que os países da Europa estão dispostos a receber. Ao concluirmos que a demanda do povo sírio é muito maior que a oferta dos países europeus, observamos que a relação estabelecida é de submissão e dependência em relação ao ocidente, que pode decidir quando e de que forma vai receber imigrantes, limitando assim as possibilidades de acolhimento e recepção. Herrera Flores sintetiza da seguinte forma: *O país que recebe, manda, o imigrante serve. Estamos diante a lei de oferta e demanda aplicada, neste caso, à tragédia pessoal de milhões de pessoas que fogem do empobrecimento de seus países por*

causa da rapina indiscriminada do capitalismo globalizado (HERRERA FLORES, 2006a, p. 21, tradução nossa).

Essa abordagem é uma proposta da teoria crítica para estudar os fenômenos migratórios a partir de uma compreensão de fatores históricos e circunstanciais. Essa forma de estudo se contrapõe aos discursos colocados em prática, em especial por comunicadores do ocidente, que visam minimizar os aspectos econômicos que estruturam as relações entre os diversos países. Todo esse discurso, inclusive a charge que será estudada neste artigo, está respaldado por um arcabouço ideológico e cultural que tem objetivo perpetuar essas relações desiguais.

2 A CHARGE DA REVISTA CHARLIE HEBDO E A IDENTIDADE DO IMIGRANTE

No Velho Continente, as migrações assumem a seguinte dimensão: se de um lado estão indivíduos que fugiram de seus países buscando asilo em terras pacíficas, do outro estão nações com uma situação econômica e política relativamente estável. Por mais que a economia de países do sul da Europa, como Espanha e Grécia, seja de maior fragilidade quando comparados com Alemanha e França, todos esses países simbolizam para os imigrantes uma chance de refúgio e uma possibilidade de recomeço. Porém, em diversos momentos, é possível observar uma reação de repúdio e distanciamento.

Os meios de comunicação expõem, com frequência, opiniões acerca dos imigrantes, como por exemplo a charge abaixo, veiculada em janeiro de 2016, pela revista francesa Charlie Hebdo.



Fonte: reprodução da internet, 2016.

Na charge, estão os dizeres: *Migrantes, no que teria se transformado o pequeno Aylan se tivesse crescido? Apalpador de nádegas na Alemanha* (tradução livre)⁹. A charge retrata dois homens, com feições animalizadas, com os braços estendidos perseguindo duas mulheres, e traz no canto superior esquerdo uma menção à foto do menino sírio Aylan Kurdi. O desenho se refere ao episódio ocorrido na cidade de Colônia, na Alemanha, durante os festejos de Ano-Novo¹⁰, em que uma série de crimes sexuais foram registrados e atribuídos, em sua maioria, a imigrantes. O fato está sob investigação das autoridades alemãs, e não é meu interesse adentar o mérito do ocorrido: dedicarei meu tempo a analisar a charge veiculada pela revista e reconhecer quais pontos estão ligados à desvalorização da imagem do imigrante.

A publicação da revista, que é internacionalmente conhecida, obteve grande repercussão e recebeu diversas críticas, principalmente pelo conteúdo agressivo e

⁹ Notícia veiculada em 14 Jan 2016: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/charge-do-charlie-hebdo-sobre-garoto-sirio-afogado-causa-revolta.html>. Acesso em 18 Jan 2016

¹⁰ Notícia veiculada em 05 Jan 2016; http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160105_abuso_sexual_ano_novo_alemanha_rb; acesso em 18 Jan 2016

xenofóbico. Em resposta à essa publicação, a Rainha da Jordânia, Faiza Zerouala, publicou em uma rede social uma outra charge em que o menino sírio está representado por um médico, quando adulto¹¹. O desenho repete os dizeres da charge publicada pela revista: *No que teria se transformado o pequeno Aylan se tivesse crescido?* Em sua publicação, a Rainha da Jordânia completa: *Aylan poderia ter sido um médico, um professor, um pai amoroso*. Sendo assim, pretendo analisar, a partir de agora, o papel da referida charge na concepção da identidade do imigrante e de que forma esse processo afeta os fluxos migratórios.

2.1 A construção da imagem e identidade do imigrante

No artigo *Colonialismo y violencia. Bases para una reflexión pos-colonial desde los derechos humanos*, Joaquín Herrera Flores estuda as práticas colonialistas do ocidente na atualidade e propõe uma reflexão pós-colonialista, a partir da perspectiva dos países então colonizados, possibilitando uma postura de independência em relação ao pensamento hegemônico ocidental. Para Herrera Flores, o processo de colonização perdura até os dias de hoje, perpetuado pelas práticas econômicas ocidentais abusivas. Para realizar esta abordagem, o autor mobiliza o conceito *difusionismo colonialista occidental* (HERRERA FLORES, 2006b, p. 21), e explicita ferramentas utilizadas pelo ocidente para concretizar a concepção de hegemonia ligada a esse conceito. Para Herrera Flores, essa forma de pensamento é um instrumento que respalda a política econômica europeia e suas práticas imperialistas, já que estabelece uma imagem de superioridade do ocidente em relação ao resto do mundo (HERRERA FLORES, 2006b). Relacionarei essas práticas colonialistas com elementos presentes na charge já mencionada, para que possamos então compreender o papel dessa representação gráfica no fortalecimento da predominância europeia e ocidental. Como afirma Herrera Flores, *Todo fenómeno, todo pensamiento, toda acción se dá sempre em um contexto* (HERRERA FLORES, 2006a, p. 88, tradução nossa). Com essa passagem, o autor busca afirmar a estreita e dialética relação entre os discursos construídos e as produções culturais em um dado momento histórico,

¹¹ Notícia veiculada em 16 Jan 2016:
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160116_charge_rania_jordania_menino_sirio_lgb;
acesso em 18 Jan 2016

como filmes e peças de teatro. Aqui, amplio essa concepção para também abarcar a charge elaborada pela revista francesa, para que possamos compreendê-la como uma ferramenta que transmite valores ao mesmo tempo em que manifesta os princípios que a constituem.

Devemos iniciar nossa abordagem compreendendo que o *difusionismo colonialista ocidental* é algo mais amplo do que os processos de colonialismo e suas consequências, mas simultaneamente, está intrinsecamente ligado a eles. Para debater o assunto, Herrera Flores cita o autor norte-americano Samuel P. Huntington e sua obra *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Com esse livro, Huntington pretende compreender os conflitos mundiais a partir de uma abordagem estritamente cultural, na qual as diferenças culturais dentre as nações são tão profundas que os conflitos mundiais são inevitáveis (HUNTINGTON, 1997). Com isso, o autor deixa de considerar a influência do capital e os fatores econômicos que contribuem para esses conflitos. Para Herrera Flores, esse pensamento faz parte de uma estratégia que consiste em mascarar os reais motivos dos conflitos mundiais, e assim, preservar as bases do pensamento político que garantem a hegemonia ocidental nos processos de acumulação do capital:

Além do conjunto de generalizações “antropométricas” que se proliferam em todo o texto de Huntington e seu “aparente” desconhecimento sobre a pluralidade e as fraturas que existem tanto no âmbito do Islã como no de países de influência confuciana, o que se destaca no conjunto de seus argumentos é o medo ocidental de perder a hegemonia cultural-colonial em que se baseiam as diferentes expansões imperialistas que marcaram por mais de quatro séculos diferentes processos de acumulação capitalista (HERRERA FLORES, 2006b, p. 22, tradução nossa).

Uma das ferramentas do *difusionismo colonialista ocidental* é a generalização abusiva, que impede o conhecimento da complexidade do outro. Neste artigo, Herrera Flores trata especificamente da civilização islâmica e da relação entre a Europa e os países de origem árabe. A forma como o ocidente se relaciona com outros povos é um dos elementos do *difusionismo colonialista ocidental*. O ocidente cria estereótipos e generalizações que impedem que conheçamos os detalhes e as nuances que constituem diversas outras culturas. O diferente é demonizado, distanciado e obscurecido. Não interessa aos países centrais que a real constituição do islamismo seja de conhecimento geral, pois essa postura humaniza e possibilita uma verdadeira troca, um reconhecimento no outro. Essa forma de abordagem teórica busca impedir que haja qualquer tipo de reconhecimento por parte do ocidente em outra cultura que exerça com ele uma relação

de subordinação. Com isso, as transações econômicas e a política imperialista do ocidente ganham respaldo na opinião pública, que não reconhece em outros povos uma nação digna dos mesmos direitos que os seus.

Esse paradigma se sustenta basicamente em critérios essencialistas que partem de uma concepção “a priori” das outras culturas. Assim, todo produto cultural islâmico “tem que estar ligado” à religião; a África é vista a partir de sua etnia; Ásia, como exemplo de passividade; e os povos indígenas são visíveis apenas como folclore. Tudo isso nos leva a uma percepção monolítica e estática dos processos culturais internalizados pelo ponto de vista colonial e difusor: os outros são vistos como culturas fechadas, imodificáveis e agressivas (HERRERA FLORES, 2006b, p. 22, tradução nossa).

O outro é o inimigo, o que se opõe a *nossa* forma de vida. Essa é a imagem construída, por exemplo em relação aos imigrantes. Os refugiados sírios sofrem com a propagação desse discurso, já que sua imagem é a do *diferente*, aquele que não compartilha das *nossas* tradições, no sentido europeu. Na charge publicada pela revista, observamos já no título uma tentativa de generalização: *Migrantes*. Ao classificar os imigrantes de uma forma tão ampla, a revista afirma que não existem diferenças entre as diversas culturas que buscam asilo na Europa. São todos de uma mesma forma, buscando um mesmo objetivo. Esse fato impede a compreensão de que os fluxos migratórios são impulsionados por diversos motivos, e cada um daqueles imigrantes tem uma história de vida. Na charge, os imigrantes já não são mais identificados com suas próprias experiências, suas identidades são esvaziadas e substituídas por uma classificação ampla e generalizada: *migrantes*. Outro aspecto linguístico observado é a forma como o desenho retrata o rosto dos personagens. É possível observar feições animalizadas e traços simiescos no rosto daqueles que são retratados como imigrantes. Esse aspecto concorre para a criação de um sentimento de repulsa por parte dos nativos europeus em relação aos imigrantes, impossibilitando qualquer sentimento de reconhecimento.

Ainda em relação à identidade do imigrante, Herrera Flores afirma que o *difusionismo colonialista ocidental* se transmite também através do chamado *backlash colonialista*; teorias políticas e sociais que buscam desvincular os problemas sociais das causas estruturais, inserindo conceitos ontológicos e inerentes a determinadas culturas. O *backlash* tem dois objetivos: o primeiro, criar uma identidade vazia e desconectada da história cultural dos povos, obscurecendo as origens interculturais e as influências estrangeiras na formação das culturas, e segundo, inventar marcos culturais de identidade

que não se oponham aos interesses ocidentais. Tudo isso contribui para a ideia de inevitabilidade da colonização, através de um esvaziamento histórico que nega as raízes dos processos culturais. Para o caso árabe, o autor cita a seguinte obra:

E em segundo lugar, Angre Glucksmann, que, em um texto publicado no El País em fevereiro de 1998, afirmou que a violência que assola a muitos países muçulmanos não tinha origens estruturais (quer dizer, socioeconômicas), e sim que era produto de um desvio patológico de tipo religioso-islâmico, que os diferencia “inevitavelmente” do resto do mundo civilizado. (HERRERA FLORES, 2006b, p. 25, tradução nossa)

As influências econômicas que a Europa exerce sobre outras localidades, por exemplo a África e a Ásia, tornam-se legítimas quando não mais recordamos das lutas por reconhecimento do mundo árabe frente à dominação europeia e das influências babilônicas, egípcias e islâmicas no pensamento grego. Para além disso, o *backlash* tem ainda mais um efeito nocivo. As grandes potências do ocidente passam a ser legitimadas para buscar e praticar soluções para os problemas enfrentados pelos países colonizados. Intervenções em países que nunca pediram por essas intervenções. O ocidente passa a ser a doença e o remédio, o mal e a cura para as perturbações mundiais (HERRERA FLORES, 2006b).

Todas as tentativas de generalização dos imigrantes contribuem para esse processo. Essa charge, ao mencionar *migrantes* de forma difusa ao mesmo tempo em que associa à foto do menino Aylan, pretende exaurir os imigrantes sírios das características que os constituem e colocá-los em uma dilatada categoria que abrange todos aqueles que vieram de algum outro lugar que não aquele território. A cultura síria passa a fazer parte de um grande conjunto nebuloso que é constantemente taxado como distante e diferente. O não reconhecimento do imigrante por parte do europeu como um indivíduo que detém crenças e culturas próprias que podem ser conhecidas e aproximadas é um dos resultados do *backlash colonialista*, resultando em uma completa separação entre esses dois atores:

Agora, este mecanismo de “backlash” tem um lado ainda mais perverso. Ao idealizar uma cultura, extirpar suas origens interculturais e “emprestar-lhe” uma tradição que pouco ou nada tem a ver com seus vizinhos, está abrindo caminho para a intervenção da cultura superior sobre as que são consideradas inferiores, e sobretudo as estrangeiras. Todo expansionismo colonial é, portanto, justificado e idealizado. E se eles têm feito certos atos violentos de conquista e dominação, tudo é legitimado pelos objetivos da empresa civilizadora (HERRERA FLORES, 2006b, p. 26, tradução nossa).

A charge da revista Charlie Hebdo não busca, em momento algum, resgatar características culturais dos imigrantes ou demonstrar suas histórias de vida. Os imigrantes são retratados de um modo em que se torna impossível que um nativo europeu se identifique com os eles ou com suas culturas. O colonialismo está presente, neste caso, no discurso e na consciência coletiva da população.

2.2 Discurso e prática do pensamento colonialista: a inconversibilidade do outro

Uma das características do *difusionismo colonialista ocidental* é a construção de um discurso centrado na hegemonia dos países ocidentais, em que eles se tornam sinônimo de modernidade, e tudo que vai de encontro ao ocidente é qualificado como anti-moderno e por isso, suscetível de intervenção. Essa construção teórica passa por legitimar a democracia liberal europeia e impedir a validação de qualquer outra forma de organização estatal, como por exemplo, os Estados não laicos, ou que se organizem em torno de conceitos divergentes acerca da democracia (HERRERA FLORES, 2006b).

A hegemonia do Estado e do modo de vida europeu criam uma sensação de predominância, o que acaba por legitimar as intervenções imperialistas e colonialistas do ocidente. No artigo mencionado, Herrera Flores cita o escritor David Pryce-Jones (1988), que afirma que a democracia árabe é uma *contradição em si mesma*:

O mundo muçulmano nada tem a ver com o mundo democrático. De tal modo que o bloqueio contínuo dos processos democratizadores por parte das potências ocidentais foi esquecido. O silogismo do difusionismo colonialista é absolutamente perverso: se tais países são ontologicamente e essencialmente incapazes de serem democráticos, está legitimada a intervenção para interromper a “democratização” deles mesmos, dado que somente se chegaria a aberrações antiocidentais, e por isso mesmo, irracionais, bárbaras, selvagens e primitivas (HERRERA FLORES, 2006b, p. 30, tradução nossa).

Neste momento, Herrera Flores relaciona com mais propriedade as características dos países islâmicos e dos países europeus, afirmando que as disparidades econômicas são o fator primordial para os conflitos. O autor menciona que, nos países de cultura

islâmica, três em cada quatro jovens sofrem de desemprego crônico e questiona se esse dado tem relação com o chamado choque de civilizações:

Com isso se consegue demonizar e excluir os diferentes, os outros, os estrangeiros, os que não se parecem com a imagem especular que temos de nós, justificando expressamente todo tipo de colonialismo, etnocentrismo e imperialismo – a intervenção colonial como necessidade histórica (HERRERA FLORES, 2006b, p. 31, tradução nossa).

Esse é o papel desempenhando pela charge divulgada pela revista francesa: tornar a imagem do imigrante como algo diferente e distante, algo que está ontologicamente equivocado e necessita de reparação. Essas convicções, uma vez respaldadas pelo inconsciente imaginário da população, servem de arcabouço teórico para a preservação das práticas colonialistas por parte dos países centrais. O sentimento de distanciamento em relação ao imigrante serve com legitimador da imposição da supremacia do ocidente como um pensamento único e universal. A atribuição dos crimes sexuais aos imigrantes, independentemente das investigações oficiais por parte das autoridades alemãs, é uma tentativa de emprestar características e comportamentos desviados aos imigrantes e, com isso, constituir uma identidade estigmatizada que comprometa sua fixação enquanto cidadão de outro país e sua luta por direitos como um todo.

Nesse momento, alcanço o ponto de conexão entre a construção da identidade do imigrante e sua luta por mais dignidade. Como afirma Herrera Flores, os direitos humanos *são o processo dinâmico que permite a abertura e a consequente consolidação e garantia de espaços de luta pela particular manifestação da dignidade humana* (HERRERA FLORES, 2004, p. 54, tradução nossa). Ou seja, a partir de uma injusta divisão da riqueza mundial, a possibilidade de luta por novas relações econômicas e sociais está no cerne da concepção dos direitos humanos, segundo a teoria crítica. No caso dos imigrantes sírios, o direito de migrar apenas será alcançado após um processo de luta que passa, invariavelmente, pela luta por um reconhecimento identitário. A identidade do povo sírio e seu reconhecimento enquanto povo detentor do direito de migrar é fator essencial para que uma nova racionalidade acerca das migrações seja colocada em prática, e conseqüentemente, permita que os fluxos migratórios beneficiem aqueles que precisam se deslocar. Ao emprestar características à identidade do povo sírio, a revista francesa impede que a real identidade dos imigrantes, baseada em suas crenças e tradições, seja demonstrada e compreendida pelos europeus. A construção dessa identidade concretiza a

inconvertibilidade do outro (HERRERA FLORES, 2006b, p. 32, tradução nossa), impossibilita o reconhecimento e obstrui o processo de luta por direitos do povo sírio.

CONCLUSÃO

A partir das minhas observações, concluo que a publicação da charge pela Revista Charlie Hebdo tem a função de comunicar valores e opiniões acerca dos imigrantes, a partir da generalização de sua imagem. Essa comunicação de valores é responsável pela atribuição de uma identidade ao imigrante, ou nesse caso, o esvaziamento dessa identidade. A postura de generalização bloqueia o processo de criação de uma identidade própria dos povos migrantes, fazendo com que sua imagem seja constituída por opiniões externas às suas próprias consciências. Nesse momento, a luta pelo acesso aos bens materiais e imateriais confunde-se com a própria luta por reconhecimento e identidade, pois uma é essencial à outra. Herrera Flores, ao final de seu escrito, cita a peça *À espera de Godot*, do francês Samuel Beckett, em que está retratada a passividade em relação à forças externas que impossibilitam uma ascensão mais justa e menos desigual à uma vida digna: *Toda a tragicomédia de Beckett gira em torno das consequências humanas que produz a falta de reconhecimento do outro e sua marginalização em relação aos bens que permitem viver com dignidade, viver com a cabeça levantada, exigindo e lutando pela satisfação de suas necessidades humanas* (HERRERA FLORES, 2006b, p. 34, tradução nossa)

A representação dos povos colonizados, como a retratada na charge, contribui para que eles não sejam vistos enquanto indivíduos culturais sujeitos de direito, e sim indivíduos diferentes, que demonstram sua diferença com base na cor, raça ou crença, criando assim a *inconvertibilidade do outro*. A *inconvertibilidade* impede a conversão do outro em nós, e vice-versa. Primeiro, atribui-se características físicas ao *diferente*, depois, empresta-lhe a incapacidade de movimento, garantindo que o diferente sempre continuará sendo diferente. A reprodução desse quadro de desigualdades é o arquétipo necessário para a inferiorização do outro e sua consequente dominação.

Segundo o escritor Stuart Hall, *as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação*

(HALL, 1992, p, 13). Dessa forma, é compreensível que os processos de construção e desconstrução da imagem do imigrante afetem diretamente a constituição de sua identidade. No caso em estudo, os refugiados sírios, além da luta que travam para sair de sua terra natal e ingressar em outro país, precisam também travar a luta pelo reconhecimento enquanto povo sírio, imigrante e detentor de direitos humanos. Antes mesmo de alcançarem seus objetivos materiais, é necessário que batalhem pelo reconhecimento de suas próprias identidades: *a capacidade de lutar tanto pelo reconhecimento cultural como pela justa distribuição de recursos está na essência da afirmação desses direitos (humanos)* (HERRERA FLORES, 2006b, p. 21).

O bloqueio do processo identitário é o primeiro passo para impedir que os imigrantes coloquem em práticas suas ações no contexto da luta por uma vida digna. Assim como os personagens da peça de Beckett, aqueles retratados na charge também tiveram negada a possibilidade de que fossem reconhecidos enquanto seres humanos no momento que tiveram suas potencialidades e capacidades invisibilizadas (HERRERA FLORES, 2006b), decretando assim sua imobilidade e incapacidade de serem reconhecidos por outras culturas:

E, por outro, lhe nega a capacidade de movimento, ou seja, são considerados incapazes de converterem-se em outra coisa diferente do que está implícito em suas características imutáveis: cor, tipo de cabelo, origens históricas, situação de pobreza ou exclusão... com o que a sua pretendida 'imobilidade' nos facilitará, primeiro, a construção do estereótipo generalizador (o bom escravo, o estereótipo generalizador (o bom escravo negro, simples, preguiçoso e passivo, o pobre que não quer sair de sua pobreza por sua preguiça intelectual, o 'moro' traiçoeiro, o asiático sensual...), e segundo, oferece a justificativa precisa para sua colonização (a inferiorização natural do diferente, a manutenção e reprodução das desigualdades) (HERRERA FLORES, 2006b, p. 35, tradução nossa).

Por fim, a essencial *inconvertibilidade do outro* é alcançada quando o outro não detém a característica fundamental dos direitos humanos: a capacidade de lutar por uma justa ascensão aos bens materiais e imateriais que fazem com que a vida seja digna, impossibilitada pelo não reconhecimento cultural e de identidade (HERRERA FLORES, 2006b). Esse é o efeito mais perverso da xenofobia e das generalizações a que estão atribuídos os imigrantes na Europa: a perda de suas identidades e, conseqüentemente, de suas ferramentas de luta por dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ABC NEWS. **Syrian refugees fleeing strife and civil war pass 4 million mark, according to UN.** <http://abcnews.go.com/International/syrian-refugees-fleeing-strife-civil-war-pass-million/story?id=32327149>; acesso em 27 Jan 2016

ANISTIA INTERNACIONAL. **Crise de refugiados da Síria em números.** <https://anistia.org.br/noticias/crise-dos-refugiados-da-siria-em-numeros/>; acesso em 18 Fev 2016.

BBC BRASIL. **Ataques sexuais em série no Réveillon geram medo e revolta na Alemanha.** http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160105_abuso_sexual_an_o_novo_alem_anha_rb; acesso em 18 Jan 2016

_____. **Entenda: quem luta contra quem na Síria.** http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120_siria_entenda_tg; acesso em 28 Jan 2016

_____. **Novas acusações de assédio sexual incendeiam debate sobre refugiados na Europa.** http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118_agressoes_debate_refugiados; acesso em 24 Jan 2016

_____. **Rainha da Jordânia rebate charge de Charlie Hebdo sobre menino sírio afogado.** http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160116_charge_rania_jordania_menino_sirio_lgb; acesso em 18 Jan 2016

G1. **Foto chocante de menino morto vira símbolo da crise migratória europeia.** <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html> acesso em 14 Jan 2016.

_____. **Charge do Charlie Hebdo sobre garoto sírio afogado causa revolta.** <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/charge-do-charlie-hebdo-sobre-garoto-sirio-afogado-causa-revolta.html>. Acesso em 18 Jan 2016

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade.** DP&A Editora, 1ª edição, 1992, Rio de Janeiro.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do Outro, estudos de teoria política**. Edições Loyola, 2002, São Paulo, Brasil.

HERRERA FLORES, Joaquín Herrera. **Abordar las migraciones: bases teóricas para políticas públicas creativas**. Tiempos de América, Castellón de la Plana, n. 13, p. 75-96, 2006.

_____, Joaquín Herrera. **Colonialismo y violencia. Bases para una reflexión poscolonial desde los derechos humanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 75, Outubro 2006: 21-40.

_____, Joaquín Herrera. **Derechos humanos, interculturalidad y racionalidad de resistencia**. Revista de filosofía práctica. Universidad de los Andes, Mérida, Venezuela. Junio de 2004.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Trad. M.H.C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 455p.

JOURNALIST'S RESOURCE. **Youth exclusion in Syria: Social, economic, and institutional dimensions**.
<http://journalistsresource.org/studies/international/development/youth-exclusion-in-syria-economic/>; Acesso em 28 Jan 2016

ONU. **Número de refugiados sírios bate novo recorde e chega a 4 milhões, alerta ACNUR**. <https://nacoesunidas.org/numero-de-refugiados-sirios-bate-novo-recorde-e-chega-a-4-milhoes-alerta-acnur/>; acesso em 27 Jan 2016.

REVISTA DIÁSPORA. **Narrativas em movimento, Especial Refugiados sírios**, Ano 1, Dez. 2015, nº 1.

UOL. **Corpo de criança refugiada afogada aparece em praia de resort turco**. <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/09/02/corpo-de-crianca-refugiada-afogada-aparece-em-praia-de-resort-turco.htm> acesso em 14 Jan 2016.